ANTHERO DE FARIA

FRANQUEIRA

12)(036)

ANTHERO DE FARIA

FRANQUEIRA

1947

RECORDAÇÃO DA FRANQUEIRA

III

BARCELOS

C.M.B. Biblioteca

C. M. B. BIBLIOTECA 8.7.1955

Dr. GRÁFICAS DA SOMP. EDITORA DO MINHO — BARCELOS
300 ex. — 6-8-54

Capelas que ladeiam o escadório que conduz ao Convento do Bom Jesus do Monte da Franqueira

(Século XVI)

Igreja do Convento do Bom Jesus do Monte da Franqueira

(Século XVI)

FRANQUEIRA — Uma parte das ruínas da Citânia

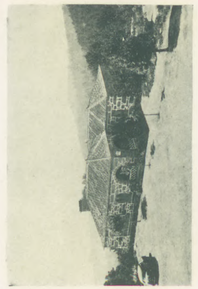
(Lado Nascente)

Citânia da Franqueira

Uma parte da cintura muralhada

No Viso da Franqueira

A Casa de Repouso



FRANQUEIRA — A Casa de Repouso

(Lado Norte)

No cimo da Franqueira

O Monumento

Capela da Franqueira

Nossa Senhora da Franqueira

(Século XVIII)

Nossa Senhora do Leite

Que se venera na Capela da Franqueira, valiosa escultura do Século XVI.

Á

Biblioteca Municipal de Barcelos

Of.:-

25 de agosto de 1947 Agostinho de Freitas

FRANQUEIRA

C.M.B. Biblioteca

C. M. BARCELOS BIBLIOTECA Nº [redacted]

29. VIII. 1947 Barcelona Perú

C. M. BARCELOS BIBLIOTECA Nº 8692

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS

BARCELOS-FRANQUEIRA (7 kls.)

Cimo da Franqueira

Ruínas do Castelo de Faria

Visite o histórico

MONTE DA FRANQUEIRA

EM

BARCELOS

Convento da Franqueira

Braga — E. N. 205 — Póvoa

BARCELOS

AOS DOMINGOS:

Serviços de Transportes e Restaurante

TELEF. { BARCELOS 8220
FRANQUEIRA 8293

Tip. «Vitória» — Barcelos

C.M.B.
Biblioteca

ANTHERO DE FARIA

FRANQUEIRA

C. M. P.
Biblioteca

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
M 8692

BARCELOS
1947

BIBLIOTECA

O Monte da Franqueira

Breve notícia Histórico-Arqueológica e Artística do Convento do Bom Jesus do Monte, Ermida, Castelo de Faria e Citânia da Franqueira

As breves nótulas que vão seguir-se são destinadas a serem lidas, de um fôlego, pelo turista que à Franqueira pretende dirigir-se.

Com a rápida leitura deste despretencioso roteiro, ficará o visitante da Franqueira habilitado a desvendar uma parcela do segredo que as pedras que por ali se encontram, tisnadas pelos sóis de tantos séculos, guardam na sua mudez misteriosa.

O Monte da Franqueira fica situado a sudoeste de Barcelos, e distante desta cidade sete quilómetros.

Pela estrada nacional n.º 6 (estrada da Póvoa de Varzim) pode o visitante seguir até ao lugar de Mereces, da freguesia de Barcelinhos, e tomar, à esquerda, a estrada camarária que ali entronca e segue por São Paio do Carvalhal, até ao sopé do Monte, e dali ao cume da Franqueira.

O Convento do Bom Jesus do Monte

Poucos quilómetros percorridos, desde que se principia a subir o monte, a meia encosta, uma ampla escadaria, talhada em lanços e ladeada por duas humildes capelinhas, conduz ao largo fronteiro do Convento.

O sítio é ermo, e como escondido entre árvores seculares surge o cenóbio que foi dos monges Franciscanos da Província da Soledade, com a sua igreja de uma só nave, simples mas elegante.

A fábrica do convento e do templo, na singeleza das suas linhas arquitectónicas, deixa bem transparecer a recolhida austeridade dos monges mendicantes que, durante muitos anos, ali habitaram.

Sobre a padieira da portaria destacam-se duas pedras, fragmentos de tampa de sepultura, que, em caracteres góticos, dizem: *Aqui jaz Vicente o Pobre, e Catarina Affonso, que partirão da cidade do Porto era 429, e fundarão este lugar.*

Alude esta inscrição a uma pequena ermida que existiu com o título de Bom Jesus, dentro da cerca do actual convento, hoje propriedade particular, no local onde se ergue uma fonte que os monges franciscanos construiram para memória do primitivo sítio, em que Vicente o Pobre e sua mulher tiveram sepultura.

No ano de 1505, quando os primeiros frades vieram para a Franqueira, ainda existia a ermida e sepultura dos seus fundadores.

Mais tarde foram os ossos de Vicente o Pobre e de sua mulher Catarina Afonso trasladados, pelos religiosos franciscanos, para a igreja do Convento e ali lhe deram *honorífica sepultura; e porque o tempo e a gente que nella entrasse não gastasse as letras da pedra, que na ermida antiga os cobria, para que se não perdesse a memoria del-*

les se poz a dita pedra no sobredito lugar, onde hoje a vemos (1).

Os padres Claustrais vieram, ao findar o século XV, habitar o sítio em que Vicente o Pobre havia erigido a ermida do Bom Jesus, e ali se conservaram até 1505, época em que foram substituídos pelos Franciscanos.

Durante cincoenta e oito anos, diz o cronista da «Província da Soledade», *habitaram nas mesmas casas e ermida que os Claustrais deixarão sem acrescentar nem diminuir cousa alguma,* até que, em 1563, estando o primitivo cenóbio em estado de completa ruína, o último comendatário do Mosteiro de Rendufe, D. Henrique de Sousa, mandou edificar o actual Convento e Igreja.

Mais tarde, no ano de 1678, foi o Convento ampliado, sofrendo em 1708 novas obras com o acrescentamento de um dormitório.

Da cerca, hoje muito reduzida, pouco resta da sua beleza primitiva.

A relha do arado transformou a mata em campos de semeadura, e os golpes do machado destruiram os soutos, fazendo baquear as árvores.

---

(1) Fr. Francisco de S. Tiago — Crónica da Província da Soledade.

A água límpida e cantante que, sem cessar, corria das bicas das fontes, dispersa-se hoje pelos campos a regar e dar pão.

O Convento da Franqueira, de título do Bom Jesus do Monte, assenta em terras da Casa de Bragança, que o 4.º duque D. Jaime deu aos Padres da Claustra, os primeiros monges que, como já deixamos dito, vieram procurar vida de isolamento e penitência neste local aprazível. Pelo Almoxarifado de Barcelos, a Casa de Bragança dava anualmente de esmola a este Convento vinte e cinco mil reis, passando depois, desde o ano de 1749, até à extinção da comunidade, a dar-lhe quarenta mil reis.

FRANQUEIRA — Igreja do Bom Jesus do Monte (Século XVI)

É venerada na Igreja do Convento

uma imagem de Cristo Crucificado, de grande devoção e de grande romagem em época não mui distante, o *Senhor da Fonte da Vida,* assim conhecido pela legenda gravada a seus pés: *Apud te fons vitae,* esculpida em pedra inteiriça, por «*um oficial mais de habilidade, do que por ofício em semelhante obra, mas com tudo isso nela perito* (1). O grande concurso de povo, tanto de Barcelos como do concelho e limítrofes, que por ocasião do Jubileu da Porciúncula, ou da romagem à Virgem da Franqueira, que costumava afluir ao convento do Bom Jesus, levou, em 1740, o então guardião Padre Prègador Fr. António de S. Jerónimo a construir uma fonte para utilização dos romeiros. *Poz-se,* diz Fr. Francisco de S. Tiago, cronista da « Província da Soledade » *o dito guardião a excogitar que figura poria em sima da tal fonte, se seria a de Neptuno, a quem a cega gentilidade venerava por Deos das águas ou outra deidade, como se vê em outras fontes de quintas e ornatos de jardins, quando lhe occoreo pôr a Imagem do verdadeiro Deos, Senhor não só das águas, mas de tudo o creado Christo Jesus Redemptor nosso crucificado, e nisto assentou.*

---

(1) Fr. Francisco de S. Tiago — Crónica da Província da Soledade.

A imagem (1) foi colocada no pano da parede junto da portaria do Convento, com uma taça na parte inferior, onde caía água de uma torneira.

Começou logo o Senhor, pela sua Santa Imagem, continua o mesmo Cronista, *a obrar prodígios e dispender liberalmente benefícios aos que com fé bebião a água da sua fonte, e com devoção se encomendavão a ele* (2).

FRANQUEIRA — Fonte do Convento, no local do primitivo Cenóbio (Século XVI)

Ano e meio volvido a afluência de devotos elevou-se a

---

(1) Esta imagem foi paga pelo ferreiro Manuel Gomes dos Reis, por alcunha Barasabu, então morador na Rua da Esperança, hoje dos Alcaides de Faria, de Barcelinhos.

(2) Fr. Francisco de S. Tiago — Crónica da Província da Soledade.

tão grande número que, sendo o espaço em que a fonte se encontrava muito acanhado, o guardião do Convento, Padre Prègador Fr. António de Aveiro Rosa, mudou a imagem e a fonte para uma capela que mandou construir no Terreiro da Portaria.

Mais tarde, por iniciativa do Padre Prègador Frei Manuel da Azurara, foi a imagem do Senhor da Fonte da Vida colocada dentro do templo, em altar condigno, do lado do Evangelho, onde ainda se encontra.

Não obstante a Igreja do Convento se encontrar quase abandonada do culto, o Senhor da Fonte da Vida tem muitos devotos nos povos da beira-mar, freguesias circunvizinhas do Convento e na cidade de Barcelos.

Sob lages lisas da Igreja do Bom Jesus do Monte, sem epitáfios, como procurando perpétuo esquecimento da passagem pelo mundo, dormem o sono eterno monges de preclara virtude que, na prática da caridade e do inexcedível amor cristão, atingiram o mais alto grau de perfeição humana.

No transepto encontra-se uma sepultura em que se lê: *Jaz aqui Rodrigo, homem descuidado e pecador, indigno Irmão da Ordem Terceira de São Francisco: pede huma Ave Maria. Obiit 1 de Dezembro de 1710.*

Cobre esta pedra os restos mortais de Rodrigo Mendes de Vasconcelos (1), de ilustre prosápia, que foi Senhor da Casa da Fervença.

A ciclónica rajada liberticida de 1834 expulsou do Convento do Bom Jesus do Monte os humildes monges que, durante três séculos, ali se acrisolaram nas mais excelsas virtudes cristãs.

E, por último, a troco de irrisórios cruzados, o Cenóbio, de tradições tão venerandas, passou a propriedade particular.

Da base do Monte, que assenta na freguesia de São Paio de Carvalhal, até ao Convento, segue um

---

(1) Rodrigo Mendes de Vasconcelos, Fid. da Casa Real, Senhor da Casa de Sinfães, onde nasceu, em Lamego, era filho legítimo de Manuel de Vasconcelos Pereira, Senhor da Torre de Alvarenga, e de sua mulher D. Ana Maria de Melo, filha de Manuel de Sousa de Almeida, Senhor da Vila de Banho e da Casa da Cavalaria, solar da Família dos Almeidas, em Viseu.

Casou Rodrigo Mendes de Vasconcelos, com sua prima D. Antónia Luísa Felgueiras Gaio, Senhora da Ilustre casa da Fervença, Comendadeira de S. Fagundo, filha de João Felgueiras Gaio, Fid. da Casa Real, Senhor da Casa da Fervença, Mestre de Campo da Infantaria, Governador das Armas da Província do Minho e Comendador de S. Fagundo, e de sua mulher D. Brites da Silva Pimenta, filha de Belchior da Silva, Fid. da Casa Real, Juiz da Alfândega de Viana do Minho e Senhor do Morgado de Cardoso.

caminho, que a estrada em diversos pontos cortou, de pavimentação irregular, muito empinado e ladeiro, por vezes de custosa subida.

Ladeiam este caminho, a espaços aproximadamente iguais, seis capelinhas muito simples, de planta rectangular, com uma só janela e sem ornatos, onde se exibem os Passos da Paixão (1).

No Convento, muito alterado na sua primitiva fábrica pela adaptação a casa agrícola, resta uma parte do claustro, construção do final do século XVI.

Serve, hoje, de passadiço, na parte superior do claustro, uma pedra sepulcral, muito mutilada, com a seguinte inscrição: *Aqui jaz Antonio de Sousa, e sua mulher Dona Maria da Silva, que faleceo no anno de 1573.*

Esta pedra foi retirada do Carneiro da Casa da Silva, que existiu na Capela do Capítulo, erecta no claustro do Convento (2).

---

(1) Em 4 de Setembro de 1710, foi lançada a primeira pedra da capela que assenta no sopé do Monte, sendo guardião do Convento Frei Domingos de Barcelos.

(2) António de Sousa Alcoforado, casou em 1556 com Dona Maria da Silva e Lima e foram os instituidores do Morgado da Casa da Silva.

As Ruínas do Castelo de Faria

A estrada que parte da falda do Monte, até ao Convento, é bastante íngreme e de infeliz traçado. Mais amplo e suave é o lanço que segue do Convento e leva ao cume da Franqueira.

Pouco caminho andado, ladeando a cerca fradesca, a esta estrada vem ligar-se, à direita, o ramal que conduz a um outeiro que se destaca do maciço da Franqueira.

Gigantescos blocos graníticos defendem, pelo nascente, o acesso a este cabeço onde se encontram as ruínas do Castelo de Faria.

O panorama que se descobre do cimo das muralhas desmanteladas do histórico Castelo, relíquias venerandas de altos feitos de antanho, é grandioso e um dos mais belos do norte de Portugal.

Todo o Vale do Cávado, tela de encantadora beleza, exuberante de luz e de cor, é enquadrado pelas longínquas serranias do Gerez que se prolon-

gam para o norte, numa linha de montanhas até terminar no Oceano.

A extensa faixa de mar que vai de norte a sul, desde o Monte de Santa Luzia até para lá do Monte de S. Félix, é recortada pelo casario alvejante das povoações que se espalham pela costa.

Na eminência deste cabeço o Castelo de Faria, forte e inexpugnável, com a sua torre de menagem recortando no azul do céu o denteado das ameias e defendido por três cinturas de muralhas, dominou, durante séculos, o extenso Vale do Cávado.

Pode atribuir-se a origem deste Castelo, mais velho que Portugal, às recuadas eras dos Reis de Leão.

Os fundamentos, que vincadamente se apresentam, assentaram sobre um castro romano que veio ocupar uma povoação castreja pré-romana.

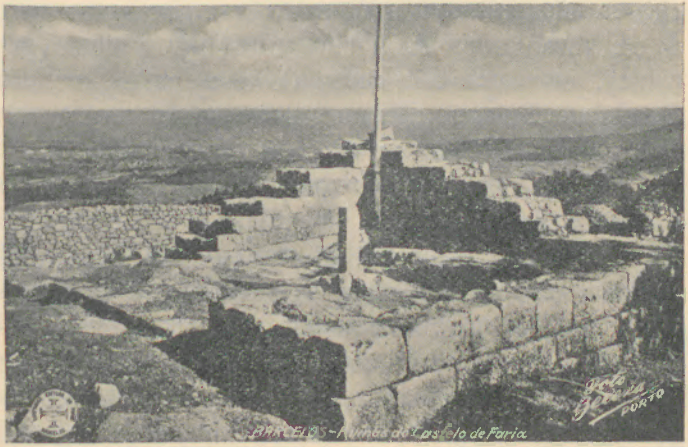
D. Afonso Henriques, com o seu leal aio Egas Moniz, algumas vezes demorou neste Castelo real da Idade Média.

E as pedras denegridas pelos séculos testemunham uma das páginas mais brilhantes da História Pátria:

Corria o mês de Fevereiro do ano de 1373 e as hostes de Henrique II de Castela haviam invadido a Terra Portuguesa. Lisboa, assediada, procurava defender-se do ataque inimigo.

D. Fernando, o rei formoso, tinha transformado, uma vez mais, o reino em campo de luta inglória e adversa às armas portuguesas.

Enquanto na capital o exército português se defendia das arremetidas do castelhano, um corpo



FRANQUEIRA — Ruinas do Castelo de Faria

de tropas constituído por numerosa peonagem e cavaleiros, sob o comando do Adiantado da Galiza, Pedro Rodrigues Sarmento, atravessara o Rio Minho e talando campos e incendiando povoações, viera até às proximidades de Barcelos.

D. Henrique Manuel, Conde de Seia e tio de el-rei D. Fernando, saíra ao encontro do Adiantado, comandando um pequeno exército constituído por homens de armas e forças enviadas pelos concelhos do Porto e de Guimarães. A peleja foi rija e os actos de extremada bravura praticados pelos portugueses não evitaram a derrota.

O alcaide-mor do Castelo de Faria, Nuno Gonçalves, que saíra com reduzida hoste em socorro do Conde de Seia, foi feito prisioneiro e os seus soldados desbaratados.

Na ausência do esforçado Alcaide, foi confiada a defesa do Castelo a seu filho Gonçalo Nunes.

Suspeitava Nuno Gonçalves que seu filho, com limitados meios de defesa e vendo-o cativo, entregasse ao Adiantado o Castelo em troca da sua liberdade. Prometeu então o valoroso Alcaide, ínclita figura da velha lealdade portuguesa, a Pedro Rodrigues Sarmento que intimaria seu filho, a quem havia investido no governo da fortaleza, a render-se e, para que tal prometimento tivesse execução, o mandasse conduzir até junto das muralhas do Castelo.

Acedeu o Adiantado, e com grande parte da sua gente de guerra, levando o Alcaide-mor prisioneiro, dirigiu-se para o Castelo de Faria, onde, dentro em breve, pensava ver tremular, sobre as ameias, o pendão de Castela.

E Nuno Gonçalves, junto dos muros, falou com o moço alcaide: *Filho, bem sabes como esse castello me foi dado por el-Rei Dom Fernamdo meu senhor, que o tevesse por elle, e lhe fiz por el menagem; e por minha desaventura eu sahi delle, cuidamdo de o servir, e som ora preso em poder de seus emmiigos, os quaaes me trazem aqui pera te mandar que lho entregues: e por que esto he cousa que eu fazer nom devo, guardamdo minha lealdade, porem te mando sopena de minha beemçom, que o nom faças, nem ho dees a nenhuuma pessoa, se nom a elRei meu senhor que mo deu, ca por te perçeber disto, me fize aqui trazer; e por tormentos nem morte que me vejas dar, nom ho emtregues a outrem, se nom a elRei meu senhor, ou a quem to el mandar emtregar por seu certo recado* (1).

Nuno Gonçalves caiu varado pelas lanças dos inimigos que o cercavam, e a História registou, em fulgurantes letras de oiro, o seu nome entre as grandes figuras do século, como exemplo de heroicidade sublime e acrisolada lealdade ao Rei e à Pátria.

---

(1) Crónica de D. Fernando, por Fernão Lopes, edição da Portucalense Editora, L.da — Barcelos, 1933 — vol. I, pág. 201 e segs.

Às tropas do Adiantado da Galiza investiram, com fúria, contra o baluarte e Gonçalo Nunes, o moço alcaide, com reduzido número de homens da guarnição, num clamor de vingança, praticou os mais extremados actos de bravura para defender o Castelo das investidas dos sitiantes.

Enquanto a encarniçada peleja redobrava de furor e junto das muralhas da altaneira fortaleza se amontoavam os cadáveres dos castelhanos, um pavoroso incêndio, ateado pelos sitiantes, ía devorando os indómitos defensores do Castelo de Faria.

Apertados pelo ferro e pelo fogo, praticando esforços de inconcebível bravura, os heróicos soldados de Gonçalo Nunes, repeliram o ataque dos inimigos e o soberbo Adiantado da Galiza não pôde transpor os muros do glorioso Alcácer de Faria.

Dentro das muralhas do Castelo jaziam os corpos carbonizados dos habitantes das Terras de Faria que ali haviam procurado refúgio.

Terminada a guerra, quando a defesa brilhante do Castelo de Faria ecoava por todos os cantos da Terra Portuguesa, foi Gonçalo Nunes pedir a el-rei que o desonerasse do cargo em que fora investido por seu Pai, e trocando a armadura brilhante de glorioso guerreiro por vestes negras de sacerdote, foi abade de Santa Eulália de Rio Covo, termo de Barcelos.

Além dos monumentos escritos, testemunham, hoje, o fulgente feito, os restos da Torre de Menagem, as muralhas desmanteladas e os artefactos de guerra medieval, religiosamente recolhidos no *Museu do Grupo Alcaides de Faria.*

FRANQUEIRA — Muralhas do Castelo de Faria (Lado nascente)

Em 1563 foi o Castelo demolido e os silhares utilizados na reedificação do Convento do Bom Jesus do Monte.

Assim — diz Alexandre Herculano — *se converteram em dormitorios as salas de armas, as ameias*

das torres em bordas de sepulturas, os humbraes das balhesteiras e postigos em janellas claustraes. O ruido dos combatentes calou no alto do monte e nas faldas delle alevantaram-se a harmonia dos psalmos e o sussurro das orações.

Este antigo castello tinha recordações de glória. Os nossos maiores, porém, curavam mais de praticar façanhas do que de conservar os monumentos dellas.

Deixaram, por isso, sem remorsos, sumir nas paredes de um claustro pedras que foram testemunhas de um dos mais heróicos feitos de corações portugueses (1).

---

(1) Alexandre Herculano — Lendas e Narrativas.

C.M.B.
Biblioteca

A Citânia da Franqueira

Na encosta voltada ao poente, do cabeço onde assentam as runías do glorioso Alcácer de Faria, descobrem-se os restos de uma vasta povoação que floresceu em eras remotas.

Na primavera de 1932, quando se procedia a escavações na parte exterior da segunda cintura muralhada do Castelo, foram postas a descoberto parte das ruínas de uma grande povoação pré-histórica

Cuidadosa e proficientemente orientados os trabalhos de escavação, tanto pelo rico espólio ceramológico, objectos de ferro, bronze e moedas encontradas, como pelos restos de remotíssimas habitações que iam surgindo, ficou averiguado que o outeiro onde posteriormente se elevou o Castelo de Faria, havia sido, há milénios, ocupado por uma extensa povoação fortificada, dando mais tarde lugar a um *Castrum* romano e, por último, na reconquista cristã neo-goda, ali se alevantou o Castelo que até 1373 dominou o Vale do Cávado.

BIBLIOTECA

Esta povoação primitiva, ainda muito incompletamente explorada, parece ocupar uma vasta área e, pelas características que apresenta, pertence ao

FRANQUEIRA — Ruínas da Citânia (Lado nascente)

tipo citaniense predominante, entre nós, nas províncias de Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes.

Assenta a Citânia (1) em uma larga faixa de terreno que se estende em suave declive, no sen-

(1) Mário Cardoso — Citânia e Sabroso, Guimarães, 1930, pág. 8. Distinguem alguns AA. entre *castros* e *citânias*, tomando

tido E-O, para de súbito terminar em áspero pendor, alcantilado e inacessível. Em toda esta ampla zona se descobrem alicerces de construções primitivas e pequenas ruelas, em calçada, com vestígios de ligação.

Uma forte muralha, duplamente reforçada, com reentrâncias acentuadas, defende o acesso à cumeada do outeiro e divide a povoação.

Dentro da muralha, voltado ao poente, um robusto talude sustenta as terras do taboleiro sobranceiro e assenta em uma pequena praça empedrada.

---

esta última palavra, não como um toponímico, mas um nome genérico significando «cidade murada, com restos de habitações permanentes», para a diferençar do primeiro «apelativo, que designará uma «acrópole sem restos de moradas», onde os habitantes dos *vici* convizinhos se acolheriam, em caso de perigo de guerra.

Não temos como segura esta distinção porquanto nem está assente que a palavra «*Citânia*», cuja etimologia se ignora, seja um nome comum, nem os «*castros*», onde frequentes vezes se encontram fragmentos cerâmicos e outros restos de objectos de uso doméstico (e só muito raras vezes de uso guerreiro) estão, na sua totalidade, isentos de vestígios de habitações. Inclinamo-nos antes a crer que, de um modo geral, todos os castros eram núcleos de povoação permanente, fortificados, simplesmente uns mais pequenos e pobres do que esses outros a que se pretende dar exclusivamente o nome de *citânias*.

No centro desta praça, interessante e curiosa, descobrem-se os restos de uma casa circular, e do talude salienta-se uma pedra vasada, com furo de pequeno diâmetro, possìvelmente utilizada para prisão de gado.

Posteriormente, em 1936, na parte voltada ao nascente, com o prosseguimento das escavações, foram postos a descoberto grupos de casas, umas de planta circular, com vestíbulo, outras rectangulares com cantos arredondados e pequenas ruelas pavimentadas atingindo, por vezes, três metros de largura.

Na zona ocidental, de maior área, ainda por explorar e talvez mais rica em ruínas de habitações, encontram-se apreciáveis restos de casas de aparelho poligonal *(opus insertum)*.

Ao *Grupo Alcaides de Faria* (1), agremiação que vem prestando assinalados serviços, se devem

---

(1) Em Assembleia geral de 29 de Dezembro de 1931, da Associação dos «Arqueólogos Portugueses», por proposta dos sócios titulares snrs. Jorge de Faria Machado Vieira Sampaio, José Augusto Mendes da Cunha Saraiva, José Augusto do Amaral Frazão de Vasconcelos, Alfredo Mota e António Machado de Faria de Pina Cabral, foi o «Grupo Alcaides de Faria» nomeado *Agregado* à «Associação» por motivo da sua brilhante acção no sentido de fazer reviver um dos mais no-

todos os trabalhos de investigação e pesquisas arqueológicas no local onde se ergueu o Castelo de Faria.

Com os preciosos achados no decorrer das escavações, de alto valor histórico e arqueológico, se constituíu o *Museu do Grupo Alcaides de Faria* (1),

---

táveis actos de fidelidade que ilustram a História Nacional, descobrindo e autenticando as ruínas-alicerces do Castelo de Faria, no Monte da Franqueira, perto de Barcelos.

(1) No museu em organização, onde se guardam espécies de várias estações arqueológicas nacionais e espanholas, de instalação ainda modesta, há um curiosíssimo núcleo de Faria, o mais completo, com espécimens culturológicos desde à volta de 1200 A. C. até para cá do séc. XV.

Cronològicamente encontramos quatro épocas perfeitamente distintas e materialmente bem caracterizadas: Bronze, Ferro, Romana e Medieval.

Do Bronze (tudo nos leva a supor um Bronze Atlântico) colheram-se representações pétreas (raspador, facas, polidores e machados de fibrolite) e cerâmicas semelhantes às das estações portuguesas coevas (Penha, S. Lourenço, Mairos, etc.).

No Ferro (o Ferro II, céltico segundo os paletnólogos mais modernos) vamos encontrar todo o conjunto de manifestações culturológicas bem características, com o seu fulcro à roda de 200 A. C.

E aqui é o estilo característico das cerâmicas incisas, os artefactos de pedra, as manifestações de indústria feminina caseira (os pesos de tear, de fuso, etc.), o pouco bronze que

primitivamente instalado no edifício do antigo Banco de Barcelos, e mais tarde transferido para a velha *Torre da Porta Nova*.

Entre as variadas e ricas preciosidades que este Museu encerra, há a destacar, em um dos seus es-

---

a *lepra* nos poupou (as fíbulas de apêndice em botão, e de charneira) e entre tudo o que nos ficou, aquele fragmento cerâmico, tìpicamente céltico, de um estilismo magnífico do «cavalo e o guerreiro», estampilhado, excepcionalmente curioso, e que o torna pelo seu conjunto exemplar único nos museus da península.

Do Romano são os aneis, a telha, os fragmentos de «terra sagillata», o alfinete de bronze que a *lepra* poupou, as cerâmicas, as lucernas incompletas e fragmentadas. A decomposição poucas moedas classificáveis nos deu, mas havia por lá vida ainda com Constâncio II (323-361).

No Medieval destaca-se do conjunto polimorfo de objectos de ferro (acicates, pedaços de malha, pontas de dardo, etc.) como peças notáveis uma perfeitíssima matriz de suspensão com o selo de Garcia Carneiro, o punho de uma espada e moedas.

Pelos espécimens que se observam, é sem dúvida entre os numismas que se encontram as peças melhores com representações fernandinas que só por si obrigam a uma atenta visita ao Museu, visto possuir uma peça até ainda há pouco inédita: o «meio-tornez» cunhado em terras de Castela.

(N. A.— Segundo o apontamento fornecido pelo Conservador do Museu do G. A. F.).

caparates, uma moeda do reinado de D. Fernando, meio-tornez de bilhão (liga de prata e cobre) cunhado em Espanha. Exemplar raro que, no dizer do autorizado numismata Dr. Pedro Batalha Reis, é uma peça inédita, e única conhecida, um exemplar que fará a cobiça dos Museus de Numismática, e de todos os Coleccionadores ([1]).

([1]) *BREVE PARECER DAS MOEDAS DO «GRUPO DOS ALCAIDES DE FARIA».* — A colecção numismática do Museu criado pelo simpático e prestante Grupo dos Alcaides de Faria, de Barcelos, constitui um testemunho de louvável interesse com que esse benemérito Grupo procede a bem da sua Terra natal, o que vem a dizer do seu próprio País.

O cuidado e carinho com que esse Grupo tem recolhido os restos do venerando Passado, levou-os a juntar algumas centenas de moedas aparecidas na Região a cujo engrandecimento, na evocação da sua nobre história, se dedicam desveladamente.

Quis a sorte, como boa fada para aqueles que porfiam no bom caminho, que nesse amontoado de velhos numismas figurassem alguns de grande raridade, donde sobressai até uma peça inédita, e única conhecida!

Esta foi a melhor recompensa que decerto poderiam esperar os «Alcaides de Faria»: possuirem, como fruto do seu trabalho, um exemplar que fará a cobiça dos Museus de Numismática, e de todos os Coleccionadores que pela série portuguesa se interessem.

Cuidadosamente empacotadas as moedas consoante os achados de que provinham, o que revela um espírito de organização e cultura muito para louvar pelo reconhecimento do valor histórico que os achados monetários representam quando devidamente estudados e interpretados, foram-nos essas moedas trazidas para classificação pelo ilustre Presidente do Grupo dos Alcaide de Faria, Tenente Joaquim Sellés Paes de Vilas-Boas. Porisso que foi com a mais viva surpresa que, ao examiná-las, se nos deparam algumas de grande raridade.

Comecemos por falar da grande preciosidade numismática que encerra esse pequeno núcleo monetário.

Trata-se dum *meio-tornez* do tempo do Rei D. Fernando I (1367-1383) cunhado em terras de Castela, por uma das cidades ou vilas que no país vizinho levantaram voz por D. Fernando de Portugal, quando o monarca português o invadira para tomar posse da coroa que lhe era oferecida por uma das facções políticas que então dividiram aquele estado.

A marca de oficina monetária é um *Q* (que em três exemplares que conhecemos do *tornez* deste tipo é acompanhado por uma roseta, que aliás neste *meio-tornez* se não verifica) e cuja identificação ainda não fizemos seguramente, pois constitui um dos múltiplos problemas que esperamos esclarecer devidamente em trabalhos que há muito temos em preparação. Pois o aproximá-la da possibilidade de haver sido cunhada em Corunha, ou mais presumìvelmente em Carmona, nos não satisfaz enquanto se não estude o assunto como é necessário fazê-lo.

Como quer que seja, esta moeda por ser inteiramente inédita vem revelar-nos um novo tipo daquela marca que era totalmente desconhecido, constituindo assim mais uma achega para ir completando o quadro geral das moedas portuguesas.

Eis a sua descrição sucinta, posto que o mau estado de conservação em que se encontra não permite que se faça uma leitura completa do que constituiria o seu tipo.

Temos, pois, dum lado o Escudo das Quinas, sem bordadura de castelos, e no seu formato acentuadamente ponteagudo, tendo por cima um *Q,* e em redor como legenda, mais adivinhando do que lendo, se descortinam apenas vestígios de *Fernandus Rex Portugaliae.* No reverso, ocupando sobre o alto todo o campo, uma torre ladeada pelas primeiras quatro letras do nome de D. Fernando: F E R N andus, e em volta de igual modo se encontram sòmente ténues vestígios do *Si Dominus Michir Aiutor.* É de bilhão, e o diâmetro teria cerca de 2 cm.

Das restantes moedas do Rei D. Fernando salientaremos ainda o raro *tornez* de Milmanda, e o raríssimo *meio-tornez* dessa mesma localidade, representado por dois exemplares duma beleza (especialmente o *meio-tornez)* surpreendente, um belo *tornez*-de-busto de Corunha (com a particularidade de ter o *C* invertido, de modo que parece um *D),* um *meio-tornez* de Çamora, igualmente em bom estado, assim como mais um *tornez* de Lisboa, uma *barbuda* e um *pilarte* do Porto muito belos, e alguns outros exemplares um pouco mais tardios, como um *real branco* de D. Duarte ou um *real preto* de D. Afonso V, bem conservados, além duma quantidade inumerável de *dinheiros* e *ceitis...*

O estado de conservação das peças salientadas é de tal modo bom que a sua leitura não terá grande dificuldade, a quem atentar com o interesse que eles merecem, nesses venerandos documentos do Passado.

a) Batalha Reis

Ermida da Senhora da Franqueira

Depois de percorrer as ruinas vetustas do *Castelo de Faria* e da *Citânia da Franqueira,* o visitante toma novamente a estrada que há pouco deixou e que leva ao cume do Monte.

Lá no alto descobre-se ao observador o mais fantástico e maravilhoso panorama que, no Minho, é dado admirar (1).

---

(1) A brilhante escritora inglesa Lady Jackson, no interessante volume *A Formosa Lusitania,* impressões da visita que em 1873 fez a Portugal, escreve:

«A Franqueira é uma empinada serra mas o caminho é circular e fácil.

Por mais custoso que fosse, largamente nos indemnizará da fadiga o grandioso prospecto.

Era propícia a hora em que lá chegamos: formosa e brilhante manhã, suave viração, ao longe o horizonte sem névoa, os espigões do Gerez e das serras vizinhas de Braga, douradas pelos raios do sol nascente; em redor de nós extensas

Emoldurado no verde-escuro das serranias distantes e azul-claro do oceano imenso, o esplendoroso Vale do Cávado alarga-se em arrebatadora beleza.

Aqui e mais além se descobrem as quintas e solares, igrejas e ermidas, e por entre choupos e amieiros, com os seus areais e açudes, desde muito longe, desliza o Cávado remansoso que vai banhar a condal Barcelos, passar junto da Barca do Lago, e não se esconde até muito para lá da ribeirinha povoação de Fão.

Na província do Minho, na eminência das suas serras ou em qualquer outro lugar que a natureza privilegiou com requintes de encanto, é certo descobrir-se uma ermidinha que é quase sempre dedicada à excelsa Rainha do Céu.

---

curvas de verdura, eminências pitorescas e o sereno rio deslizando mansamente para o oceano agitado e irrequieto.

O maravilhar-se a gente em incessantes êxtases será saudável coisa? Neste portentoso país, quem não for de pau ou de pedra, é forçoso que esteja sempre em plena admiração.

Em todo o caso, deve de ser bom para a alma de quem se defronta em tão belos quadros.

E os daqui são os mais deleitosos que a natureza pode ostentar.

A alma sente-se erguida desde a contemplação de obras tão prodigiosas até ao grande e prodigioso Ser, autor da natureza ».

Dominando um horizonte vasto, ergue-se também na cumeada deste Monte, dedicada à Mãe de Deus, sob a invocação de Nossa Senhora da Franqueira, a ermida que a tradição aponta como mandada erigir por Egas Moniz, o aio do Fundador da Nação Portuguesa (1).

---

(1) O P.e Domingos Joaquim Pereira, na *Memória Histórica da Vila de Barcelos,* publicada em 1867, pág. 150, diz: «Sobre a fundação desta ermida, há diversidade de pareceres entre os historiadores.

O auctor da *Chronica da Provincia da Soledade* attribue-a ao grande Egas Moniz, aio do 1.º rei de Portugal D. Affonso Henriques, quando este principe assistira no Castelo de Faria, sendo ainda infante. Mas o auctor da *Nobiliarchia Portuguesa* somente attribue a Egas Moniz a fundação da capella-mór, e não o corpo da egreja, que parece ser obra do bispo D. Rodrigo Pinheiro, por ter suas armas (as da casa solar dos Pinheiros de Barcellos) sobre a porta. E o auctor da *Corografia Portuguesa*, conformando-se na fundação da capella-mór, por Egas Moniz, attribue a fundação do corpo da capella ao bispo D. Diogo Pinheiro, irmão d'aquelle D. Rodrigo Pinheiro, por estarem suas armas no corpo da egreja.

E no meio d'estas diversas opiniões, sem mais esclarecimentos, que diremos nós?...

Parece-nos, que Egas Moniz edificára a ermida primitiva, que hoje forma a capella-mór, e que o accrescimo do corpo d'ella é obra do zelo e devoção de D. Diogo Pinheiro, bispo do Funchal, primeiro commendador do mosteiro de S. Simão da Junqueira e prior de S. Salvador de Pereiró, hoje Pereira,

Primitivamente de fábrica românica, como atestam os pilares dos colunelos do antigo pórtico e outras pedras recentemente encontradas, o corpo principal da ermida foi totalmente reedificado e ampliado no final do século XVII, restando a abside que, milagrosamente, escapou ao vandalismo inconsciente da época.

Como quase todas as construções medievais destinadas ao culto católico, independentemente de tamanho e sumptuosidade, a Capela da Senhora da Franqueira está voltada ao ocidente.

Toda a silharia da abside é siglada com algumas marcas de canteiro iguais às das absidíolas da Igreja Matriz de Barcelos, o que nos leva a conjecturar que são coevas, reforçando ainda esta suposição a traça arquitectónica.

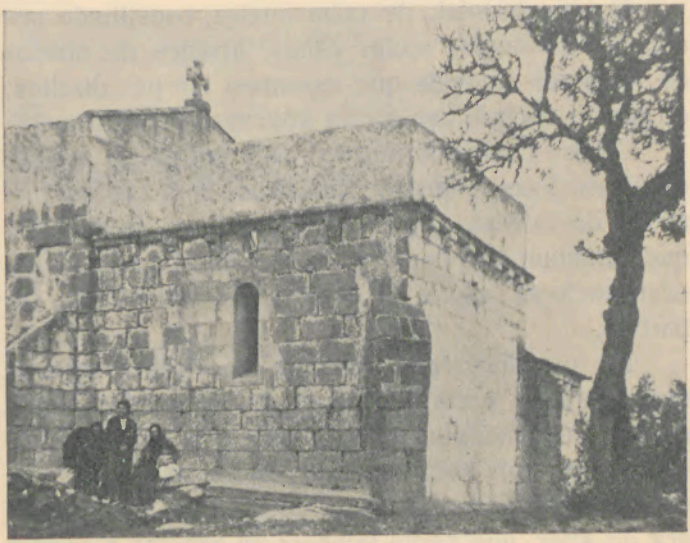
Não merecem detalhada pormenorização, por carência de interesse artístico, o corpo principal, o campanário e a sacristia da Capela. Como acabamos de dizer, na última década do século XVII, para tornar a ermida mais espaçosa, foi destruído o que digno de referência existia no corpo principal, sendo

---

em cujos limites está a ermida, e que é hoje vigararia; porque como adiante se dirá, foi D. Diogo Pinheiro quem se recusou a dar uma meza de jaspe, que há na ermida, por um rico pontifical».

aproveitados os silhares, alguns siglados, na reedificação.

Resta a abside, de planta quadrada e regular silharia mural, com quatro robustos gigantes a con-



CAPELA DA FRANQUEIRA — Aspecto exterior da abside

trafortar a abóbada e cornijamento apoiado em modilhões, uns lisos e outros historiados.

Duas frestas, uma de cada lado, esguias, de pleno cintro e duplo chanfro, coam a luz para o interior.

No vértice da empena, que se alonga do arco triunfal, ressalta a cruz gótica vazada.

A capela-mor, que no interior é vagamente iluminada pela luz que recebe das estreitas frestas, tem a simplicidade tocante das primitivas ermidas.

O arco triunfal, de volta inteira, constituído por aduelas de duplas meias canas, arranca de ábacos de molduras singelas que assentam em pés direitos, de aresta cortada em forma côncava.

Quatro colunelos, um em cada ângulo da abside, de bases lisas e fustes cilíndricos, com capitéis ornados de esferas, suportam as nervuras da abóbada que rematam em bocetes de saliências carcomidas, destacando-se ainda em um deles um escudo bipartido.

Na parede lateral, voltada ao norte, rasga-se uma pequena porta, em arco de meio ponto, com nervura circundante, que dá ingresso à sacristia.

Sobre dois degraus de granito assentam três colunas cilíndricas, de jaspe, em que se apoia a pedra do altar, que serve também de encaixe e seguro resguardo a uma outra pedra de jaspe.

Este altar constitui uma preciosa relíquia histórica:

D. Afonso, 9.º Conde de Barcelos e 1.º Duque de Bragança, filho bastardo de D. João I, acompanhou seu pai a Ceuta e tomou activa parte na conquista daquela praça moira.

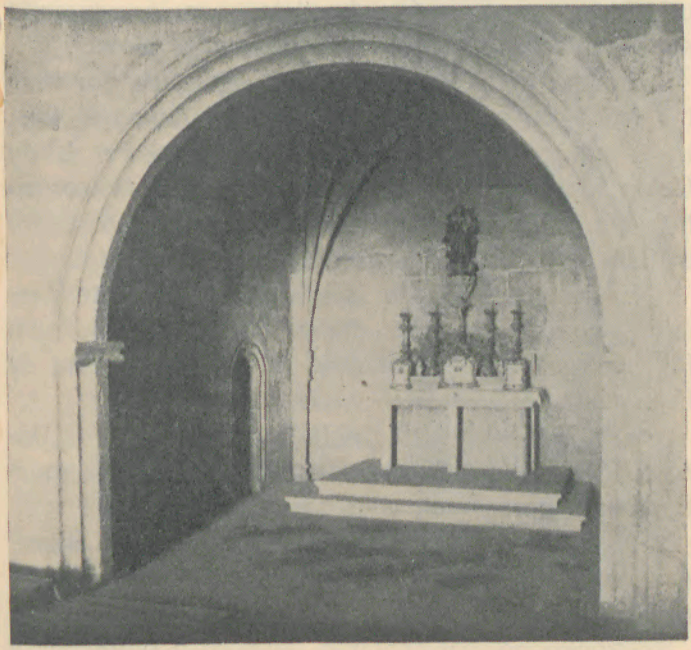
Nota à página 43

Gomes Eannes de Zurara escrevia Calla-bem-calla como ouvia pronunciar aos mouros. Julgo mesmo que a forma de dizer seria Salá-ben-Salá. De maneira que Callubencayla - e mais com y grêgo - não se me figura aceitavel. No trabalho "A Servidão de Barcelos a Guimarães", nota (1) da página 16, escrevi Çala-ben-Çala e citei um Documento autentico, que menciona o Palácio do Governador Mouro de Ceuta - aliás a casa de verão no arrabalde - que D. João 1º deu a seu filho Conde de Barcelos e este saqueou completamente.

J. M. Sampaio
6. IX. 1947

C.M.B.
Biblioteca

Como trofeu de vitória trouxe o Conde de Barcelos, do palácio do governador de Ceuta Callú-bencayla, a pedra e as colunas de jaspe que fez conduzir para a Ermida da Franqueira, e com elas mandou erigir o altar que ali se vê e que é, em Terra de Portugal, o glorioso Padrão que marca o



FRANQUEIRA — Capela-mor da Ermida

início do ciclo fulgente das Descobertas e Conquistas da esforçada e superior raça portuguesa.

Por cima do altar, em mísula gótica, ornada com motivos alusivos ao fundador da Ermida — Egas Moniz — assenta a imagem da Virgem da Franqueira, interessante escultura, em madeira, do século XVIII.

Existe também nesta capela uma outra imagem, primorosa escultura quinhentista, que é venerada sob a invocação de Nossa Senhora das Neves.

É uma preciosidade artística, ignorada por muitos iconógrafos e que, não há muito tempo, o ilustre escritor e eminente crítico de arte P.e J. da Costa Lima, da Companhia de Jesus, em primoroso trabalho publicado na magnífica revista *Brotéria,* sob o título *Formosura Esquecida,* tirou do olvido.

É deste autorizado iconógrafo a seguinte descrição da imagem que até ao final do século XVII foi venerada sob a invocação de Nossa Senhora da Franqueira:

«A Virgem erecta, notada no *Santuário Mariano* é espécime de encanto pela arte que demonstra, muito apreciável, e já do século XVI.

Mede um metro e doze centímetros de altura. A goiva que a talhou era de artista de grande sensibilidade.

Esbelta no seu conjunto, embora o pormenor e realismo anatómico ofereça reparos, majestosa na

linha, equilibrada no jogo dos mantos sem pregas complicadas, um deles confundido com túnica pela pintura, tem jus a elogio de frei Agostinho de Santa Maria.

O crítico exigente é forçado a admirar aquele rosto oval, de fronte alta, emoldurado com leveza pelas madeixas ondeantes do cabelo, caídas sobre o peito, descoberto pelo decote rectangular, e ao qual o Menino, despido e forte, lança confiado o braço.

O gesto da Mãe que O ostenta tem elegância de movimentos, ainda que a estilização dos dedos da mão esquerda contrarie a maior naturalidade da dextra sobraçada.

Nossa Senhora da Franqueira
(Século xvi)

A atitude da mão esquerda, pegando no pé direito do Divino Infante, é frequente nos icones de Maria, e chega ao séc. XVI, consagrada pelo Renascimento Coimbrão».

Como acabamos de aludir, esta imagem foi venerada sob o título de Nossa Senhora da Franqueira até o final do século XVII, ocupando o altar maior, e substituída pela actual e deslocada para outro altar arrimado à parede do corpo principal, junto do cruzeiro, do lado do Evangelho, sob a invocação de Nossa Senhora das Neves (1).

No ano de 1558 foi constituída a Irmandade de N. S. da Franqueira, com estatuto superiormente aprovado, atingindo logo elevado número de irmãos em todo o vasto concelho de Barcelos (2).

---

(1) Este altar foi novamente mudado, em 1941, para perto do púlpito da Capela, onde hoje se encontra.

(2) O Pontífice Pio IX, distinguiu a Confraria de N. S. da Franqueira com a concessão de valiosíssimas indulgências e privilégios pelo Breve a seguir transcrito:

DOM JOSÉ JOAQUIM D'AZEVEDO E MOURA, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas &.

Aos que este edital virem, saude e paz em Jesus Cristo Nosso Senhor e Salvador

Fazemos saber, que Sua Santidade o Summo Pontifice Pio IX, Que ora preside á Egreja de Deus, Se Dignou Con-

Em 1941, quando se procedia ao arranjo do pavimento da nave da Capela, foi encontrada uma

---

ceder por Seu Breve de onze de Novembro, do ano próximo findo, á confraria de Nossa Senhora da Franqueira, erecta na freguesia de Pereira, d'este Nosso Arcebispado, as graças e indulgencias seguintes:

A todos os fieis cristãos de ambos os sexos, que arrependidos, confessados, e refeitos com a Sagrada Eucaristia, assim aos já escriptos n'esta confraria, como aos que de futuro n'ella se inscreverem, no primeiro dia da sua entrada, Concede Sua Santidade Indulgencia Plenaria.

A cada um dos irmãos e irmãs, que em artigo de morte verdadeiramente arrependidos, confessados e refeitos com a Sagrada Eucaristia, ou quando isto fazer não possam, ao menos contrictos devotamente invocarem o Santissimo Nome de JESUS, se com a boca o poderem fazer, se não com o coração, Indulgencia Plenaria.

Aos irmãos e irmãs, que agora o são, e para o futuro forem, da mesma confraria, que verdadeiramente arrependidos, confessados e refeitos com a Sagrada Eucaristia visitarem devotamente em cada ano a Egreja, capela ou oratorio d'esta confraria no dia da festa principal, que, por suplica da mesma confraria, designamos seja no Domingo infra octava da Assumpção de Nossa Senhora, ou que em qualquer dos seguintes sete dias imediatos fizerem a mesma visita, e ahi orarem a Deus pela concordia entre os Príncipes Cristãos, extirpação das heresias, e exaltação da Santa Madre Egreja, Indulgencia Plenaria, e remissão de todos seus pecados.

Aos irmãos e irmãs, que ao menos contrictos em seu coração, da mesma fórma supradita visitarem e orarem na

curiosa sepultura medieval, cavada no solo e revestida de argamassa, de forma oval, encerrando um

---

dita Egreja, capela ou oratorio da mesma confraria no dia primeiro de Janeiro, Ascensão do Senhor, domingo da Santissima Trindade, e no dia seis de Agosto, em cada um dos quatro referidos dias, que isto fizerem, sete anos e sete quarentenas.

Todas as vezes que assistirem ás missas e oficios divinos na dita Egreja, capela ou oratorio, ou a quaisquer procissões, que, do licença do ordinario se fizerem, e acompanharem o Santissimo Sacramento assim em procissões, como indo por viatico aos infermos, ou, quando por impedidos, ouvindo o signal dado para isto, rezarem um Padre Nosso e uma Avé Maria, ou também rezarem cinco Padre Nosso e cinco Avé Maria pelas almas dos defuntos irmãos e irmãs, d'esta confraria, ou praticarem qualquer obra de piedade e caridade, concede Sua Santidade, na fórma costumada da Egreja, sessenta dias de relaxação de penitências impostas, ou por qualquer outro modo devidas.

As quais Indulgencias, remissões de pecados e relaxações de penitencias, são perpetuamente concedidas; e todas e cada uma de per si podem ser aplicadas por modo de sufragio pelas almas dos fieis cristãos, que passaram dêste mundo unidos em graça e amor de Deus.

E para assim constar Mandamos passar pela Nossa Camara Eclesiastica, o presente edital. Dado em Braga sob Nosso Signal e Sêlo d'esta Corte aos sete dias do mes de Janeiro de mil oitocentos setenta e um. E eu José Luciano

esqueleto, numerosas moedas de cobre e algumas de prata (1).

A Comissão que ao tempo administrava a Confraria, e que com tanto carinho e zelo deu o maior impulso às obras de aformoseamento do Monte da Franqueira, mandou cobrir a cova funerária com uma pedra de granito e gravar a inscrição: *Aqui se conserva uma sepultura medieval com um esqueleto — Descoberta em 1941.*

Gomes da Costa, secretario da Camara Eclesiastica, o subscrevo,

José, Arcebispo Primaz

V. S. S. Ex. C.ª
Costa

(1) As moedas, em número de 208, foram classificadas pelo Dr. Pedro Batalha Reis:

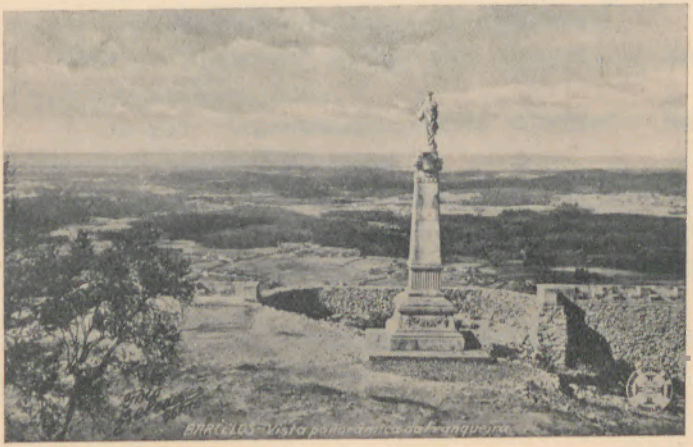
D. João I (real de 10 soldos)	—1385-1433—	1	exemplar
D. Duarte (real preto)	—1433-1438	3	»
D. Afonso V (ceitis)	—1438-1481	82	»
D. João II (real de prata)	—1481-1495	1	»
D. Manuel (ceitis e 1/2 real prata)	—1495-1521	93	»
D. João III, (ceitis)	—1521-1557	19	»
D. Sebastião (real)	—1557-1578	2	»
D. João V (real)	—1706-1750	3	»
D. José (10 reis)	—1750-1777	3	»
D. João VI (10 reis)	—1792-1826	1	»

e várias «chapas».

Assim fica terminada a visita à Capela velhinha, de pedra carcomida, voltada ao mar que as caravelas sulcaram, respeitada pelo tempo e pelos homens, testemunha multisecular de sublimes manifestações de Fé, e onde, hoje e sempre, os romeiros vão ajoelhar, render louvores e entoar fervorosos cânticos à Rainha do Céu, à Padroeira do Portugal Eterno e agradecido.

O Monumento

Na esplanada, fronteiro à porta principal da Capela e voltado ao mar, ergue-se o belo monumento em que domina a Virgem, projecto do arquitecto Bento Cândido da Silva, e que foi mandado erigir, no ano de 1929, por João Luís da Pena, da freguesia de Milhazes, grande devoto de Nossa Senhora da Franqueira.



FRANQUEIRA — Estátua da Virgem e vista panorâmica

A **Pousada do Monte**, interessante e conchegada casa de repouso acolhedor, situada na esplanada, a poucos metros da Capelinha, bem como o projecto de aformoseamento da Franqueira, em execução, é da autoria dos distintos arquitectos portuenses srs. Manuel Marques e Amoroso Lopes, que gratuìtamente se prestaram a este superior trabalho.

Amigos da Franqueira

Conta a Franqueira dedicados amigos que muito têm contribuído para o desenvolvimento das obras em curso e, entre os muitos, é lícito mencionar os seguintes:

D. Elvira de Sousa Barroso — com avultado donativo permitiu iniciar as obras da Franqueira.

Câmara Municipal de Barcelos, da presidência do Conde de Vilas Boas.

Comissões Administrativas da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira.

João Luís Ferreira, industrial, de Barcelos — grande amigo da Franqueira, que há 18 anos ali vem trabalhando, ininterruptamente, com dedicação e carinho.

Rosa de Jesus Domingues, de Barcelos — grande amiga da Franqueira.

Finalmente

Depois de caminhar por côrregos e atalhos, outrora calcorreados por monges e homens de armas—Deus louvado—damos por terminada a peregrinação pelo Monte da Franqueira, que nos fez reviver um passado de glória e de santidade.

BIBLIOGRAFIA

Fr. Francisco de Sant-Iago—*Chronica da Provincia da Soledade.*

Felgueiras Gayo—*Nobiliário de Famílias de Portugal.*

Alexandre Herculano—*Lendas e Narrativas.*

Fernão Lopes—*Crónica de D. Fernando.*

Mário Cardozo—*Citânia e Sabroso.*

P.e Domingos Joaquim Pereira—*Memoria Historica da Villa de Barcellos, Barcellinhos e Villa Nova de Famalicão.*

Catarina Carlota Lady Jackson—*A Formosa Lusitania.*

P.e J. da Costa Lima—«Brotéria», Janeiro de 1936, vol. XXII—Fasc. I.

Cónego Manuel Aguiar Barreiros—*Elementos de Arqueologia e Belas Artes.*

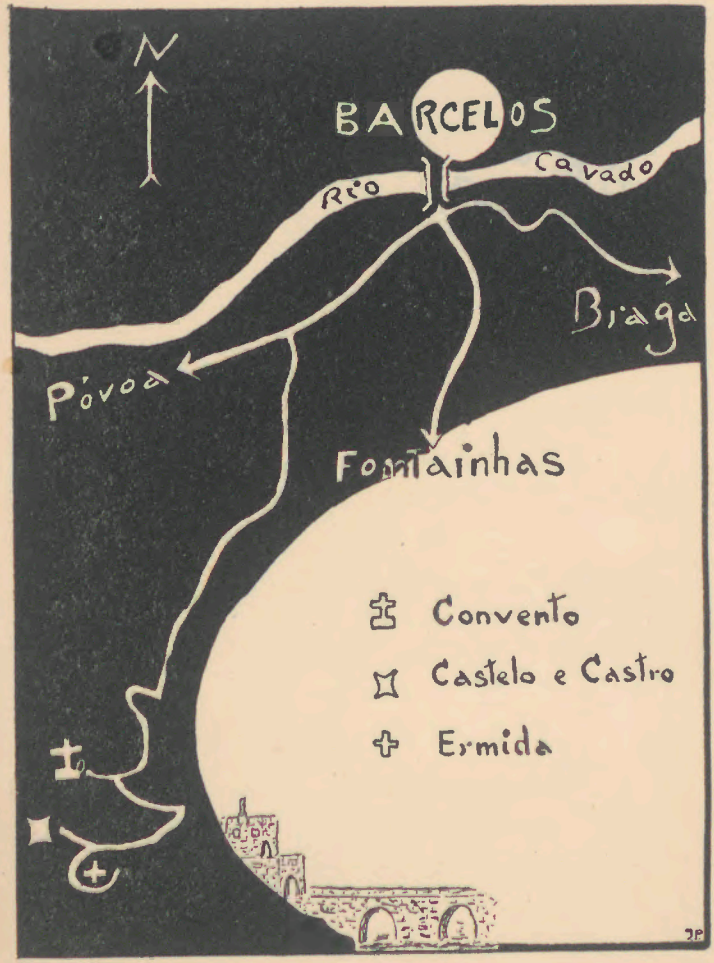
Dr. Pedro Batalha Reis—*Moedas Inéditas,* «Diário de Notícias», n.º 29.240, de 12 de Julho de 1947.

Lino d'Assumpção—*Dicionario dos Termos da Arquitetura.*

INDEX

	Págs
O Convento do Bom Jesus do Monte	9
As Ruínas do Castelo de Faria	19
A Citânia da Franqueira	27
Ermida da Senhora da Franqueira	37
O Monumento	51
Pousada do Monte	52
Amigos da Franqueira	53
Finalmente	55
Bibliografia	57

Arranjo Esquemático, do Tenente J. Pais de Vilas Boas.
Fotografias de Eleutério Cerdeira, Tenente J. Pais de Vilas Boas e Fot. Beleza, do Porto.



ARRANJO ESQUEMÁTICO que indica as diversas vias de comunicação que levam à Franqueira, e marca os locais a que se faz referência neste Roteiro.

C.M.B.
Biblioteca

biblioteca
municipal
barcelos
8692
Franqueira